

ENTREVISTA

ANDREW JENNINGS JORNALISTA INVESTIGATIVO

Uma jornada pelos subterrâneos do futebol

Jornalista que está há anos nos calcanhares da Fifa lança alerta sobre supostas ligações perigosas entre dirigentes do esporte mais rico do mundo e o crime organizado

■ JORGE JEREISSATI
jorge.jereissati.rpa@extra.inf.br

Às vésperas da Copa do Mundo da África do Sul, a Fifa anunciou que, pela primeira vez na história da entidade, sua arrecadação anual superou a marca de um bilhão de dólares, totalizando 1,06 bilhão, em grande parte devido a lucrativos contratos de TV e marketing assinados para o primeiro Mundial no continente africano. E, deduzindo seus gastos no período, principalmente com projetos de desenvolvimento do futebol, o saldo foi de 196 milhões de dólares.

O sucesso financeiro da organização que reúne mais países-membros do que a ONU (208 a 192) gera cobiça e inveja, mas também levanta dúvidas e suspeitas por parte de investigadores que incluem o veterano repórter britânico Andrew Jennings, um documentarista que já realizou trabalhos para a BBC e jornais da Grã-Bretanha.

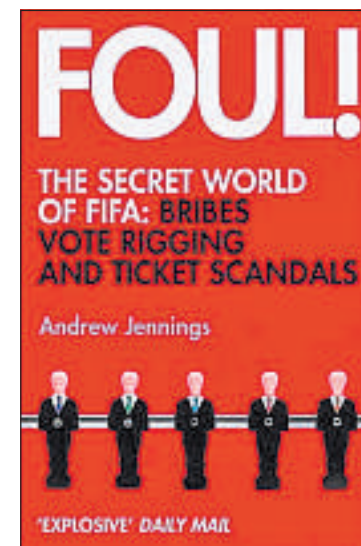
4 Há indícios de corrupção na Copa da África e mais está por vir

Autor de quatro livros sobre corrupção nos esportes, entre eles "Foul! The Secret World of FIFA: Bribes, Vote-Rigging and Ticket Scandals" ("Falta! O Mundo Secreto da FIFA: Propinas, Votações Fraudulentas e Escândalos de Ingressos"), Jennings acabou por comprar uma briga com a Fifa, que teria proibido seu acesso aos eventos da entidade,

incluindo entrevistas, para evitar suas perguntas.

Propinas

"Foul!..." é o resultado de uma investigação de quatro anos sobre supostas atividades ilícitas de dirigentes da Fifa. Para escrever o livro, o autor — que também mantém o site www.transparencyinsport.org (transparência no esporte, em inglês) — entrevistou autoridades e dirigentes esportivos e analisou processos jurídicos e outros documentos oficiais, incluindo os que envolvem a falência fraudulenta da empresa



de marketing ISL, em 2001, quando teria sido descoberto um esquema de pagamento de propinas para importantes dirigentes esportivos em troca de contratos milionários.

Jennings virá ao Brasil para participar do Quinto Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, que será realizado entre os dias 29 e 31 de julho, em São Paulo. Nesta entrevista, por telefone, o jornalista fala sobre seu trabalho e opina sobre a organização da Copa do Mundo de 2014.

— Nenhum dos seus livros foi lançado no Brasil. Por quê?

— Não há nenhuma conspiração nisso (risos), nenhuma razão legal. Quem sabe meu próximo livro não sairá aí.

— Em que tema o senhor está trabalhando agora?

— Meu próximo livro será sobre o crime organizado internacional e sua relação com os esportes através de esquemas fraudulentos. Eu parto de uma definição sobre o que é o crime organizado: uma conjunção de liderança forte, lealdade ao grupo, comprometimento com o objetivo de planejar atos criminosos para ga-



AP / 31.05.09
O ESTÁDIO DO MORUMBI é um dos pontos de divergência entre autoridades e organizadores da Copa



FOTOS DE DIVULGAÇÃO
ANDREW JENNINGS numa entrevista coletiva do COI: o jornalista britânico está barrado na Fifa

nar dinheiro e, uma coisa que o diferencia de outros grupos, que são as redes de proteção. Esse tipo de criminoso busca comprar gente influente, como um juiz, um político. É aí que se estabelecem esquemas de fraude e de pagamento de propinas. E na minha análise a Fifa pode ser incluída nessa definição.

— Com base na análise que faz, o senhor percebeu alguma irregularidade na Copa da África do Sul?

— Sim, há indícios de corrupção local, além das atividades externas da Fifa. Por exemplo, o jornal sul-africano "Mail & Guardian" traz uma revelação bombástica: a empresa de Andrew, o irmão caçula de Tony Jordaan — presidente do comitê organizador local da Copa — teria sido indicada pela Match Event Services (MES), o fornecedor exclusivo de pacotes de hospedagem para o torneio, para representá-la em Port Elizabeth, desde abril do ano passado e até agosto próximo, pelo equivalente a R\$ 690 mil. A MES é subsidiária da Match Services AG, uma empresa baseada na Suíça e indicada pela Fifa para fornecer in-

gressos, acomodações e serviços de tecnologia para a Copa do Mundo. Eu acho que isso é típico do que já sabemos e do que ainda está para ser revelado.

— Se o senhor fosse assessor de um órgão público de fiscalização ou de uma empresa de auditoria no Brasil em que pontos o aconselharia a se concentrar em relação à organização da Copa de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, que serão realizados no país?

— Nas obras de infraestrutura. O governo poderia ter dito (e acho que ainda tem tempo para dizê-lo) o seguinte: "Espere um

gar futebol nesse alto nível há tanto tempo, o que há de errado com os estádios de vocês?"

— São Paulo corre o risco de ficar fora da Copa por causa de divergências sobre o Morumbi. Como o senhor vê isso?

— Eles [Fifa e Comitê Organizador] não se satisfazem com reformas; não querem trocar duas portas, querem tudo novo. Fizemos isso na África do Sul e, agora, Ricardo Teixeira e Jérôme Valcke [o secretário-geral da Fifa] estão fazendo a mesma coisa no Brasil. Eles não podem tirar a Copa de vocês. Simplesmente não podem ameaçar o país. O



pouco! Sim, nós somos uma economia em desenvolvimento, temos imensa satisfação em organizar os eventos, mas não precisamos de ninguém para nos ensinar a investir nossos recursos públicos — e isso é uma coisa que os países desenvolvidos dizem. Nós vamos aprontar os nossos estádios e a nossa infraestrutura como acharmos melhor e isso é tudo". Vocês são o país do futebol, vocês entendem disso como ninguém, pelo amor de Deus... Se vocês conseguem jo-

presidente Lula deveria unificar a posição do governo e da oposição e mostrar a importância de São Paulo. Lula deveria pegar o telefone e dizer para Teixeira: "Escuta, Ricardo, diga para seus colegas botarem o estádio de volta na lista ou a polícia vai bater à sua porta, ok?" (risos).

— Recentemente, houve uma troca de farpas entre o Governo e a Fifa sobre os preparativos para a Copa, respingando também na CBE, quando Lula su-

6 Eu não faço críticas ao futebol, mas a seus dirigentes

geriu a limitação do mandato do presidente da entidade a um máximo de oito anos. Como o senhor vê esses choques?

— Vocês, no Brasil, estão numa posição rara de dizer para eles que devem se comportar bem, com total transparência, ou suas contas serão divulgadas na internet. A população apoiará suas autoridades se perceber irregularidades. — Como se percebem irregu-

laridades?

— Se a corrupção é definida como o abuso de poder público para ganhos privados, então, na minha opinião, a Fifa criou um modelo de corrupção global institucionalizada. A minha análise de documentos mostra que, ao longo das décadas, a entidade buscou e alimentou a corrupção, especialmente em países em desenvolvimento. Parlamentares e promotores públicos sofreram pressões diante da insistência da Fifa em que seus assuntos não podem ser sujeitos a interferências por parte de governos eleitos. Juntamente com o COI [Comitê Olímpico Internacional], a Fifa reivindica "autonomia" para o esporte, com o frágil argumento de que não se deve permitir que governos interfiram na "independência" das federações desportivas. A risível sugestão de que essas federações, frequentemente manchadas por fraudes eleitorais, corrupção e escândalos financeiros, devam ficar acima da lei, é aceita pela maioria dos governos, na maioria das vezes. Eu não estou, aqui, criticando o futebol — os torcedores, os jogadores, os treinadores dos clubes, que não têm nada a ver com isso —, mas os administradores do esporte.



DOIS ÂNGULOS de um projeto de reforma do Morumbi: São Paulo corre risco de ficar fora da Copa